



**JOSÉ  
SARMENTO  
DE MATOS**  
UM ABASTECEDOR  
DE MEMÓRIAS

Margarida de Magalhães Ramalho

2023

**JOSÉ  
SARMENTO  
DE MATOS**  
UM ABASTECEDOR  
DE MEMÓRIAS

Margarida de Magalhães Ramalho

	<b>José Sarmiento de Matos:</b>	
	<b>a renovação da olisipografia</b> _____	11
	<b>José Sarmiento de Matos,</b>	
	<b>Um Abastecedor de Memórias</b> _____	15
I	<b>Origens de uma família</b> _____	19
	Prólogo _____	20
	Um casarão perto do Bairro Alto _____	23
	Laços de família _____	25
	<i>A Villa Roma</i> _____	33
	Viver em Sintra _____	36
	O regresso à terra _____	43
	As outras casas de José _____	47
	Amizades _____	48
II	<b>Percurso de vida</b> _____	55
	Os anos da formação _____	56
	A passagem pela Função Pública _____	60
	Enfim, livre _____	66
	Os «anos loucos» _____	68
	Da Comissão dos Descobrimentos	
	à Expo'98 _____	70
	Os últimos anos _____	80
III	<b>Amar Lisboa</b> _____	87
	A Lisboa de trazer por casa _____	91
	Um passeio a Oriente _____	123
	O bairro da Lapa ou a	
	desobediência das Trinas _____	129
	A reinvenção de Lisboa ou outra	
	forma de olhar a história da cidade _____	136
	A janela de Sintra _____	141
	Acompanhando Damião de Góis _____	144
	A rua Nova dos Mercadores _____	149
	Leituras quinhentistas de Lisboa _____	152
	Ainda Lisboa do século XVI _____	154
	Um passeio pela Ribeira do Tejo _____	159

IV	<b>Último ato</b> .....	167
V	<b>Fortuna crítica</b> .....	175
	Agradecimientos .....	195
	Bibliografía .....	196
	Créditos fotográficos .....	199

# JOSÉ SARMENTO DE MATOS: A RENOVAÇÃO DA OLISIPOGRAFIA \*

Passaram, no dia 25 de Novembro, 60 anos sobre a morte de Norberto de Araújo (1889-1952). Na qualidade de olisipógrafo, não podia deixar passar esta triste efeméride [...]

Na sequência da obra colossal de Júlio de Castilho, patriarca e referência da génese da Olisipografia, uma pléiade notável de discípulos prosseguiu esse trabalho de desvendar os meandros da cidade, em que o nome de Norberto de Araújo se junta aos de Gustavo de Matos Sequeira, Augusto Vieira da Silva ou Luís Pastor de Macedo, para só citar os mais relevantes, todos acentuando o carácter muito específico e diverso que decorre da vontade de conhecer a história de uma cidade. Não se trata de abordar nem só um edifício, nem só uma rua, nem só um facto histórico ou uma personagem marcante. Trata-se, sim, de perscrutar uma entidade plural, em que em cada canto coabitam gentes e épocas diferentes através das memórias que esse lugar convoca. Por isso, a Olisipografia foi aos poucos definindo uma forma específica de percepção da cidade, já esboçada na Lisboa Antiga de mestre Castilho. Isto é, não basta recolher muitas informações, datas, nomes e documentos e a partir desses dados construir uma narrativa, mas é necessário intuir sensorialmente a cidade, tocar as suas pedras, anotar as múltiplas referências espalhadas nas paredes, desde azulejos a pedras gravadas, apreciar o sentido arquitectónico e decorativo dos edifícios, entender o gosto expresso nas escolhas de quem os construiu, numa palavra, passear sem itinerário predeterminado pela intimidade desse universo carregado de segredos ao dobrar de cada esquina.

Ora um dos mais notáveis contributos de Norberto de Araújo foi fixar de forma indelével esse carácter específico da prática olisipográfica através da escolha do título da sua obra mais reconhecida: *Peregrinações em Lisboa*. Este título feliz sintetiza em si o mais genuíno do género que aos poucos foi tomando forma, desde Castilho, passando por nomes atrás citados, destacando-se a escrita de Matos Sequeira e o rigor de engenheiro de Vieira da Silva [...]

*José Sarmiento de Matos, jornal Público, 9 de dezembro de 2012*

\*Este texto foi parcialmente publicado, com o mesmo título, em *Uma casa em Lisboa: Homenagem a José Sarmiento de Matos*, Museu de Lisboa/EGEAC-EM, 2022, pp. 26-43.

Com a sua invejável clareza de escrita, José Sarmiento de Matos enuncia, neste texto, o que é a olisipografia: a elaboração da história de Lisboa, misturando, em doses variáveis, a investigação documental sobre as gentes, os lugares e a sucessão dos eventos, em durações mais ou menos longas.

Para se ser bem-sucedido na elaboração dessa história como «entidade plural», o trabalho intelectual tem de ser alimentado por uma atitude vivencial que exige os sentidos, os sentimentos e as emoções, através de um corpo andarilhante. De facto, homenageando Norberto Araújo, um dos seus antecessores, José afirma que o olisipógrafo é um peregrino: mais do que chegar ao destino sagrado, a sua vida é o contínuo caminhar e a incorporação sucessiva dos acasos dos caminhos.

Assim a olisipografia adquire a sua particularidade: é história, com os métodos e os objetivos da história, alimentados pelas questões novas da cidade contemporânea com a plena convicção de que o passado é a seiva que corre nos nossos sucessivos presentes. Por isso, o estudo dos arquivos é alimentado nos trajetos quotidianos porque as camadas de passado são um palimpsesto desafiante que é possível ler ou decifrar, ou, caso extremo mas não improvável, imaginar e inventar.

Como todos os ofícios que decorrem de uma genuína vocação, José foi olisipógrafo a tempo inteiro com uma paixão que, pelo menos ao longo dos últimos trinta anos, nunca deixou de crescer e frutificar: cada vez mais sábio e cada vez mais apaixonado, viveu esse imenso amor com uma juvenil alegria que espelhava a energia azul, entre rio e céu, do corpo mesmo de Lisboa. E que, no cerne da sua razão de ser, manteve as memórias da infância e da adolescência, entre o centro de Lisboa e as lonjuras de Sintra, como um mapa pessoal que continha e transbordava toda a família e os muitos amigos que foi tendo.

Sem pretender fazer o percurso dessa peregrinação, parece-me claro que, depois do arranque com *Uma Casa na Lapa*, a sua obra maior, publicada em 1994, o ser olisipógrafo se consolidou nos anos gratificantes em que integrou a equipa da Expo'98. Foi então um brilhante orquestrador de conteúdos, dos *Guias Históricos do Caminho do Oriente* ao batismo das ruas do novo bairro da cidade que nasceu em sítio sem raízes que ele e outros (especialmente António Mega Ferreira) lhe inventaram.

Depois de anos em vista ampla (mas sempre alimentada pelos detalhes de cada esquina e de cada história de casas e de gentes), a fase seguinte foi marcada, numa parceria profícua com Jorge Ferreira Paulo, por estudos de considerável complexidade e ambição sobre lugares específicos da geo-história da cidade, articulados com as pressões transformadoras da história do presente. Simultaneamente, foi começando

a delinear e depois a escrever *A invenção de Lisboa*, em que o olisipógrafo José Sarmiento de Matos foi mais longe que todos os seus antecessores: entre o século XII e o século XVI, Lisboa cristã nasce e transfigura-se, corpo mestiço que foi romano, mouro, cristão e judeu e depois *caput mundi* de um império que se sonhou universal.

Esta poderosa *invenção*, mais do que história, é uma criação artística complexa que muito deve a dois não olisipógrafos que amaram Lisboa e que o nosso autor muito amou: Fernão Lopes e Luís de Camões. Inspirado por eles, mas com uma fundura abismal de informação anterior e posterior, José transmutou Lisboa em mito, abençoada pelos deuses do Olimpo mas, mais ainda, pelos fazedores da História que são os povos nas suas sucessivas configurações. Creio que se inspirou também naquela que é a mais potente imagem de Lisboa, inventada por Francisco de Holanda, e que constitui o frontispício do livro *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, 1571. Não posso deixar de o citar de novo:

Um pequeno detalhe isola esta representação mítica de Lisboa feita por Francisco de Holanda. Ao contrário do habitual, os dois corvos não se dispõem um à popa e outro à proa da barca santificada, mas um deles, como que impelido por um súbito afago, poisa docemente sobre o ombro da cidade. [...] se a leitura mais atenta não engana, o que Holanda nos diz com este detalhe aparentemente de somenos importância é que a simbiose entre a cidade e a sua simbologia já é tão intrincada que ela própria se transformou na barca à deriva, destinada a levar os portugueses a partir de Lisboa a todas as partes do mundo. [...] <sup>1</sup>

Os fados que abençoaram a sua vida feliz não permitiram que completasse a sua *Invenção de Lisboa*. Mas há fragmentos relevantes, bem como artigos dispersos e alguns inéditos que sem dúvida virão a ser publicados, permitindo aos mais novos compreender e ampliar o labor de José. A monografia de Margarida de Magalhães Ramalho, que tenho a honra de apresentar, constitui um ponto de partida a partir de agora indispensável para que ele, como desejou, integre plenamente o olimpo dos olisipógrafos. À sucessão de nomes ilustres que cita (Júlio de Castilho, Gustavo de Matos Sequeira, Augusto Vieira da Silva ou Luís Pastor de Macedo) há que acrescentar alguns outros, mas, mesmo nessa evocação alargada, José Sarmiento de Matos tem uma indiscutível originalidade:

---

<sup>1</sup> José Sarmiento de Matos, «Lá vem o corvo Vicente que tem muito para contar», in *Vicente Símbolo de Lisboa Mito Contemporâneo*, Mário Caeiro (coord.), Theya Editores, 2019, pp. 24-29.

dando continuidade à militância de José-Augusto França, de quem se sentia discípulo, as questões complexas da Lisboa contemporânea passam a ser determinantes e são elas, muitas vezes, que sugerem e guiam a investigação. Ou seja, a olisipografia perde o teor saudosista, sugerindo que o passado era melhor do que o presente, constituindo-se como uma torre de marfim que evitava os choques às vezes brutais das profundas alterações contemporâneas.

José conhecia como ninguém as feridas abertas no corpo intenso da cidade desde o século XIX, mas estava sempre pronto a ajudar a tratá-las e superá-las, usando, para isso, não tanto o culto do passado mas uma visão potente do que foi e continuará a ser Lisboa: uma extraordinária geo-história, ponta da Europa e limiar de rotas, gentes e saberes, alimentada pelo Tejo e aberta sobre o Atlântico. Portas adentro, ele desfiava histórias de vida, de gente, casas e monumentos, soterrados uns, transfigurados outros. Prontos, através da sua inteligência sensível, a iluminar a nebulosidade do presente.

Raquel Henriques da Silva  
Carcavelos, 9 de março de 2023

# JOSÉ SARMENTO DE MATOS, UM ABASTECEDOR DE MEMÓRIAS

*Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,  
não há nada mais simples.*

*Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.  
Entre uma e outra cousa todos os dias foram meus.<sup>2</sup>*

**~Alberto Caeiro**

Em 2012, num artigo escrito para o jornal *Público* a que chamou «Confidências de Lisboa», José Sarmiento de Matos afirma sempre ter entendido o nome da mercearia *A Abastecedora da Memória* — localizada acima da Igreja da Memória — «como uma espécie de síntese lapidar da minha própria labuta olisipográfica».

E, de facto, ao longo da sua vida, não só abasteceu a sua memória com tudo o que leu, viu e pensou, como foi, através das suas múltiplas facetas enquanto olisipógrafo, um abastecedor da Memória de Lisboa.

Por isso, não é fácil condensar num livro toda a dimensão do seu contributo para o conhecimento e a preservação da história da cidade. Tentámos, apesar de tudo, fazê-lo, mesmo que em traços largos.

Conheci Sarmiento de Matos, o Zé, com 12 ou 13 anos, quando um dos meus irmãos ficou noivo da irmã dele. Nessa altura, eu era só a miúda mais nova, e poucas palavras trocávamos para além dos simples «Olá». Seria muito mais tarde, já no final da década de 1980, que começaríamos a conversar. O pontapé de saída foi dado no dia da defesa do doutoramento do meu irmão, e seu cunhado, quando lhe comecei a relatar, entusiasmada, os avanços e as descobertas que estava a fazer nas escavações arqueológicas que então dirigia em Cascais, no interior da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz. No final do meu empolgado relato, disse-me: «Ouve lá, tens é de escrever essa história.» — E foi o que fiz. O artigo sairia meses depois, no n.º 2 da revista *Oceanos*.

Mais tarde, viria a colaborar com ele noutros projetos, caso da Expo'98, onde partilhámos gabinete.

---

<sup>2</sup> Fernando Pessoa, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, p. 126.

Com interesses, familiares e amigos comuns, os nossos laços de amizade também se estreitaram.

Não foi, por isso, muito fácil escrever este livro.

No entanto, quando Raquel Henriques da Silva, enquanto coordenadora do projeto *Olisipógrafos. Os Cronistas de Lisboa*, me convidou para o fazer, não tive como recusar.

Este livro insere-se numa coleção de biografias de quatro olisipógrafos, promovida pela Câmara Municipal de Lisboa, em parceria com a Universidade Nova de Lisboa.

Como premissas obrigatórias, apenas a existência de três capítulos: um dedicado à família e às suas origens, outro para o percurso académico/profissional e um terceiro sobre a Olisipografia. Se assim o entendesse, poderia acrescentar outros capítulos, desde que não ultrapassasse as 75 mil palavras. Se os dois primeiros («Origens de uma família» e «Percurso de vida») — subdivididos em outros tantos — não eram complicados para mim, pois podia recorrer a testemunhos da família, de colegas e de amigos, o terceiro («Amar Lisboa») foi um desafio. Navego por outras águas da História e, se não me falta, espero, o engenho, podia faltar-me a arte para falar de assuntos que não domino. Por essa razão, considerei que teria de ser o próprio Sarmiento de Matos a «escrever» esse capítulo. O meu papel seria o de identificar todos os seus textos, de selecionar os excertos mais elucidativos e cosê-los de forma a criar uma narrativa com sentido.

Como se explicará adiante, foi também opção escolher excertos de textos inéditos e do que escreveu na imprensa. A efemeridade dos jornais, diários ou semanalmente substituídos, leva a que tudo o que neles se escreve desapareça rapidamente. No entanto, as suas grandes obras de olisipografia publicadas em livro também não foram esquecidas.

A este conjunto, acrescentei dois capítulos, «Último ato», no qual se fala do final da sua vida e se apresentam os testemunhos de três grandes amigos; e «Fortuna crítica», onde se incluem textos de outros autores sobre a obra de Sarmiento de Matos.

Por fim, só me resta desejar que o livro desperte, em quem o ler, a vontade de conhecer melhor a obra deste *abastecedor de memórias*, cuja vida foi dedicada, em parte, a amar a cidade onde nasceu.





# I *Origens de uma família*

## PRÓLOGO

*E uma casa é a coisa mais séria da vida.*<sup>3</sup>

~Ruy Belo

É por vezes na infância que se intui o mistério de uma vida futura.

A 29 de novembro de 1951 chegava a Lisboa, a bordo do Aviso de 1.ª classe, *Bartolomeu Dias*, o corpo da rainha D. Amélia, que falecera semanas antes, aos 86 anos, na sua casa perto de Versailles. Exilada após a implantação da República em 1910, a antiga soberana viria ainda a Portugal no final da II Guerra Mundial, a convite de Salazar. Seis anos depois, regressou, na sua derradeira viagem, ao país que amara mas que tão mal a tratara. Teria honras de funeral de Estado.

A urna desembarcou no Terreiro do Paço, na belíssima «Estação de Sul e Sueste», projetada por Cottinelli Telmo. O cortejo fúnebre atravessou Lisboa e terminou no Panteão dos Bragança, em São Vicente de Fora, onde já repousavam os restos mortais do seu marido, o rei D. Carlos, e dos seus filhos, D. Luís Filipe e D. Manuel II.

Foi um verdadeiro acontecimento nacional que levou às ruas milhares e milhares de portugueses. Uns, poucos, saudosos da monarquia; outros, a maioria, divididos entre a curiosidade mórbida que a morte sempre acarreta e a vontade de prestar homenagem à última rainha de Portugal, uma mulher que tanto fizera pelo país de adoção e vira assassinar o marido e um dos filhos no Terreiro do Paço, em 1908.

Associando-se a essa má consciência que, porventura, pesava ainda sobre os lisboetas pela morte do rei e do príncipe, o vespertino *Diário de Lisboa* escreveu nesse dia:

«Reconquistando Portugal, voltando a reinar, com a sua côroa do martírio bem assente sobre a fronte, a rainha D. Amélia, falecida para o Mundo e rediviva para Deus, vence os homens e as suas paixões, dizendo-lhes:

— Aprendeí comigo a viver e admirar, na claridade eterna do perdão! Tudo passa e desaparece, para só quedar o coração, sem ódios nem ilusões sinistras.»<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Ruy Belo, *Obra Poética de Ruy Belo*, Lisboa, Editorial Presença, vol. 1, 1984, p. 73.

<sup>4</sup> «O presidente da República e o Governo assistiram às cerimónias do funeral de D. Amélia», *Diário de Lisboa* (29 nov. 1951), p. 1.

A chegada do corpo da soberana, anunciado dias antes pela imprensa, tornara-se certamente tema de conversa na maior parte das casas lisboetas, alvoraçando famílias e criadagem.

Não é por isso de estranhar que na rua Eduardo Coelho 32, ao Bairro Alto, se preparassem para ir ver passar o corpo da rainha. Mas nem todos puderam ir. Os mais pequenos ficaram em casa. Um deles, mesmo não sabendo exatamente do que se tratava, não estava disposto a perder um espetáculo que tanto excitara a família.

O rapazinho chamava-se José Sarmento de Matos e tinha acabado de fazer 5 anos. Muito entusiasmado com a perspectiva de ver *o caixão da rainha* — o que quer que isso fosse —, empoleirou-se com a irmã mais nova no parapeito de uma mansarda do sótão de onde se vislumbrava uma nesga do Tejo e a outra banda. Terá visto passar o navio? Quem sabe... Provavelmente não. A irmã que o acompanhou não se lembra, recorda apenas a excitação do irmão e a aventura de trepar à janela da sala de estudo.

É uma *petite histoire* sem importância alguma, mas demonstra o ditado popular que diz que «é de pequenino que se torce o pepino».

E, no caso de Sarmento de Matos, o seu interesse pela História e pelas personagens que a habitam desabrocharia cedo e levá-lo-ia, primeiro, a percorrer os caminhos do património e, anos mais tarde, da Olisipografia.

Mas, afinal, quem foi este homem?

José António Salgado de Sarmento de Matos nasceu na rua Eduardo Coelho n.º 32, a 8 de junho de 1946. Sobre o nome desta rua, escreveria anos mais tarde:

Diz-me o registo que nasci na Rua Eduardo Coelho. É mentira, porque a Lisboa que eu sei afirma-me peremptoriamente que sou natural dos Cardais de Jesus. O Eduardo Coelho até é uma figura com quem simpatizo. Não foi político. Foi jornalista e dos bons, cheio de acção, fervilhante de ideias que pôs em prática ao fundar o DN, o primeiro jornal moderno.<sup>5</sup>

E não poderia ter escolhido nem bairro nem mês melhor para o fazer. A casa onde nasceu estava inserida, como já se referiu, num dos bairros mais típicos e antigos de Lisboa. Quanto ao mês, é, sem sombra de dúvida, o mais alfacinha do ano. É o das festas populares, da sardinha

---

<sup>5</sup> José Sarmento de Matos, anotação manuscrita em rascunho sem título e inacabado sobre a Rua Formosa, Arquivo Pessoal José Sarmento de Matos (APJSM), s/d, s/p.

assada a pingar no pão, do manjerico com cravo de papel e aquele que, a 13 de junho, relembra, por razões opostas, as duas figuras mais amadas dos lisboetas. Um, Santo António, o santo casamenteiro, porque morreu nessa data. O outro, Fernando Pessoa, o poeta de Lisboa, por ter nascido nesse dia.

E se, como Ruy Belo afirma, «uma casa é a coisa mais séria que há», a da rua Eduardo Coelho foi-o sem dúvida alguma para este futuro olisipógrafo.

Em maio de 2017, numa entrevista ao semanário *Expresso*, Sarmiento de Matos explicava como para ele a cidade só se pode compreender quando se olha também para a história das suas casas e de quem nelas habitou:

No contexto da História de Arte, quando se começa a estudar um edifício, esse edifício tanto podia estar ali como noutra sítio qualquer. Mas o meu modo de olhar sempre foi diferente. Olhava para o mesmo edifício e procurava integrá-lo na cidade. Uma casa nunca é um gesto isolado. Está numa rua, num bairro, numa freguesia, e foi construída por umas certas pessoas. Quem eram essas pessoas? Que tipo de gente morava ali? O que faziam? Eram fidalgos, mercadores? A determinada altura, já estava a entrar num universo muito mais alargado e comecei a sentir necessidade de confrontar a História, que é quase asséptica e fora de nós, com uma história em que também eu me meto lá dentro e ando à procura de lhe levantar as pregas.<sup>6</sup>

De alguma forma, é exatamente isso que vamos fazer para ficar a conhecer melhor José Sarmiento de Matos. Para tanto, teremos de levantar algumas pregas e espreitar a sua árvore genológica, a sua família, os seus amigos e, claro, as casas onde viveu.

---

<sup>6</sup> Ana Soromenho, «José Sarmiento de Matos, o cosmopolitismo é um traço dos lisboetas», *Expresso* (6 mai. 2017), p. 60.



OLISIPÓGRAFOS  
-OS CRONISTAS DE LISBOA-

*Como todos os ofícios que decorrem de uma genuína vocação, José foi olisipógrafo a tempo inteiro com uma paixão que, pelo menos ao longo dos últimos trinta anos, nunca deixou de crescer e frutificar: cada vez mais sábio e cada vez mais apaixonado, viveu esse imenso amor com uma juvenil alegria que espelhava a energia azul, entre rio e céu, do corpo mesmo de Lisboa. E que, no cerne da sua razão de ser, manteve as memórias da infância e da adolescência, entre o centro de Lisboa e as lonjuras de Sintra como um mapa pessoal que continha e transbordava toda a família e os muitos amigos que foi tendo.*

**Raquel Henriques da Silva**

ISBN 978-972-27-3136-2

